

## UM PEDAÇO DA HISTÓRIA DE PALMEIRA D'OESTE

**EDIÇÃO:** HERMENEGILDO JOSÉ FERREIRA

Dr. **Edílio Ridolfo**, dentista, proprietário de terras no Córrego da Laranjeira antes da fundação de Palmeira d'Oeste, um valoroso pioneiro, busca na sua memória fatos dos primórdios da história dessa Cidade e nos deixou esse belo presente publicado no jornal **Folha d'Oeste** em 1 de maio de 1980.

Por: Dr. Edílio Ridolfo  
1.980



*Edílio Ridolfo em 1942*

A história não pode nem deve ser violentada.

O patrimônio de Palmeira d'Oeste, na verdade, foi fundado no dia 13 de dezembro de 1944, sob a invocação de Santa Luzia. Essa afirmação fazêmo-la, porque fomos testemunhas desse evento, e de todos os fatos que antecederam a essa fundação, desde o nosso primeiro relacionamento com o Sr. TOMAZ VICENTE VICENTE, em São Paulo, no ano de 1939, na Rua Eduardo Prado, quando entabulamos as primeiras conversações para venda de um quinhão de terras nesta região.

Ao se narrar acontecimentos ligados a uma cidade ou nação, há que subordinar-se tão somente á demonstração da verdade.

Nesta lembrança, desejo levar àqueles, que na época da sua fundação ainda possam estar residindo nessa cidade, a evocação de nostálgicas lembranças. Aos pósteros, para que nas páginas amareladas pelo tempo, venham encontrar os elementos dos princípios de uma história. A história da fundação do Patrimônio de PALMEIRA D'OESTE.

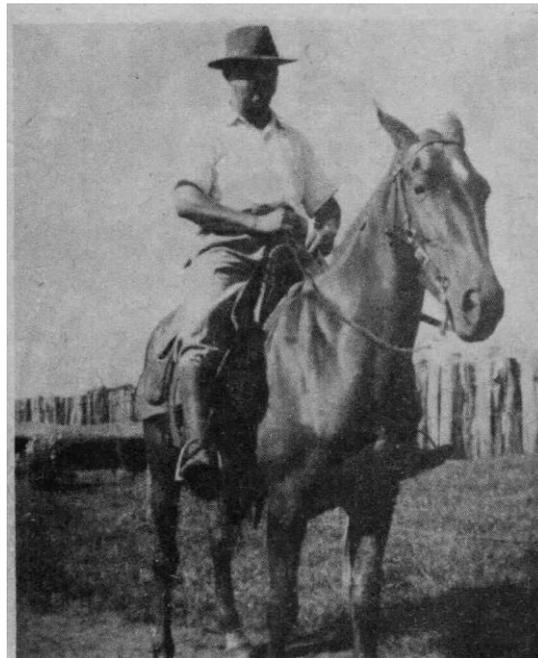
### 1938

Nesse ano, em companhia de meu cunhado Joaquim de Lima Moreira Filho e de seus filhos Welson e Walter, iniciamos sob a orientação do enérgico e eficiente agrimensor, ORESTES FERREIRA DE TOLEDO, o levantamento da extensa área de 12.070 alqueires, legadas por meu sogro Coronel Joaquim de Lima Moreira, aos seus herdeiros, e que se constituía na chamada Fazenda Palmital.

Todas as suas divisas foram aviventadas, e córregos como o Cervo, Laranjeira, Três Barras, Barro Preto, Água Ruim, Córrego do Boi e outros tantos foram levantados desde as suas cabeceiras até suas barras com o Rio São José dos Dourados.

Longe de tudo e de todos, numa luta árdua e áspera, ali permanecíamos, na certeza de que alguma coisa de útil resultaria em prol do progresso desta região do Estado e do Brasil.

Como agregado e posseiro de meu sogro, numa casa de pau-a-pique, na cabeceira do Córrego do Cervo, residia desde 1930, o Sr. MANOEL FRANCISCO DE ALMEIDA, mais conhecido por “Manezinho Baiano”. Ali era a sede da Fazenda Palmital.



*Joaquim de Lima Moreira Filho – ano de 1941*

*O filho mais velho do Coronel Joaquim de Lima Moreira, residindo na sede da Fazenda Palmital, juntamente com Orestes Ferreira de Toledo, demarcou toda a Fazenda Palmital.*

## **A VENDA DE 550 ALQUEIRES DE TERRAS**

Em julho de 1939, o Sr. TOMAZ VICENTE VICENTE, então residente em Pindorama, mostrou sua disposição em conhecer o quinhão de terras, conforme havíamos conversado em São Paulo.

De Barretos fomos àquela cidade para conduzi-lo à Fazenda Palmital, num “automovinho” Chevrolet “cabeça de cavalo”. Ao vê-lo o Sr. Tomaz, demonstrou seus receios em se abalançar sertão adentro, enfiado naquele “estrupício”. Mas na verdade, assim como o Fordinho ”29”, era o único que agüentaria o tranco, entre as estreitas veredas, ladeadas por densas florestas. Aos trancos e barrancos, chegamos finalmente, após atravessar a perigosa ponte de madeira, do “Tiburção” sobre o Rio São José dos Dourados, na sede da Fazenda Palmital .



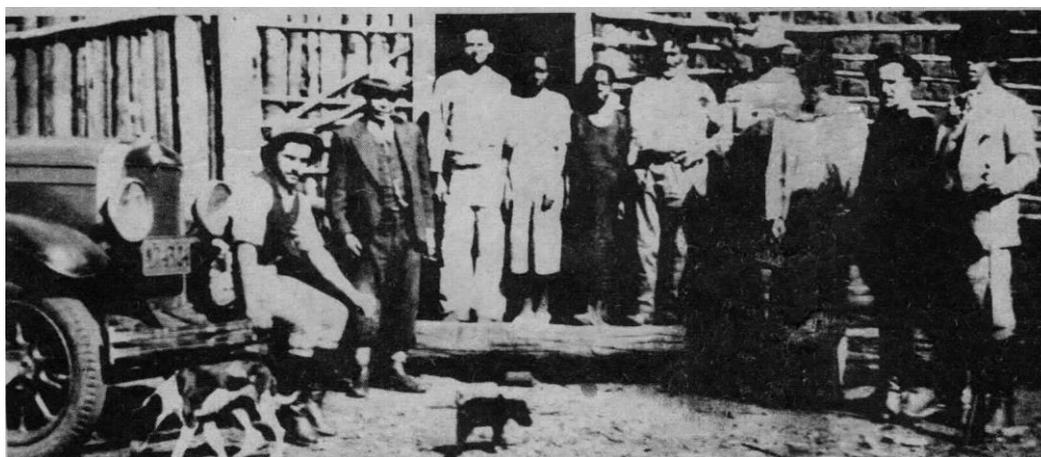
*Tomaz Vicente Vicente atravessando a ponte do “Tiburção”, no Rio São José dos Dourados, em julho de 1939.*

*Da esquerda para a direita: Jocelyn de Lima Moreira, Tomaz Vicente Vicente, Arturzinho (sertanejo) e Edílio Ridolfo.*

Tomaz Vicente Vicente veio, viu e gostou. Pechincha daqui, pechincha dali, acabou comprando 550 alqueires, ao preço de 80 mil réis o alqueire, que equivale hoje, oito centavos.

Destinou 100 alqueires ao seu filho JOSÉ VICENTE VICENTE, (mas como o espanhol repete tanto o sobrenome, Santo Deus) localizados na cabeceira do Córrego da Laranjeira, que foi denominada Fazenda Santa Luzia. Vendeu também, ao Sr. Ângelo Scarpin, no mesmo Córrego, 50 alqueires.

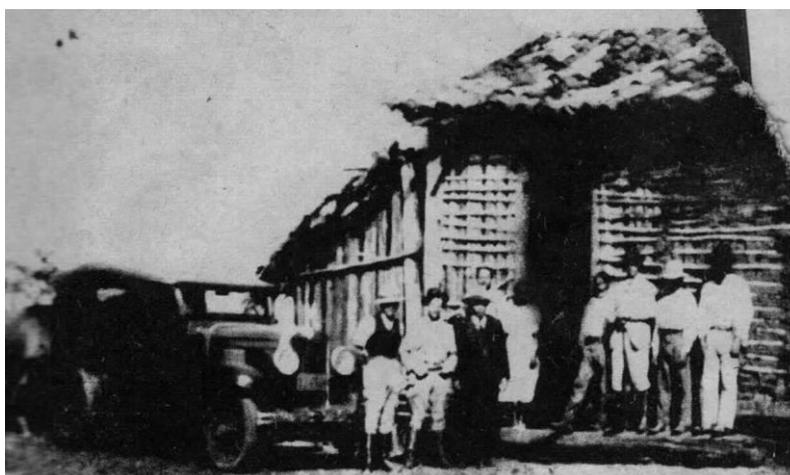
Não fique o leitor de boca aberta e olhos esbugalhados, pela aparente “barateza” do preço pago. Naquele tempo, um litro de gasolina custava hum mil réis, a décima parte de um Centavo. Ao preço de hoje. Poder-se-ia comprar 27 mil litros.



*Tomaz Vicente Vicente chega à sede da fazenda Palmital em 7 de Julho de 1939. Sentado Welson de Lima Moreira. Tomaz Vicente Vicente, Manoel Victor e esposa,*

*Maria Tiburtina de Jesus e Manezinho Baiano, Euclides e Artusinho. Edílio Ridolfo e Jocelyn de Lima Moreira.*

Bem antes da abertura do Patrimônio já residiam nestas cercanias algumas pessoas. Poucas é verdade. Lá pelas bandas do Macumã e do Sucuri, o Ângelo Galeti, André Ressudi, D. Floripes, Rafael, Zacarias Neves, Benedito Belarmino, etc. No Córrego do Cervo, os Irmãos Pazzini, Rafael de Paula, Nenê Miranda, Evaristo Silva, este, tido e havido como jagunço dos Miranda, mas que não passava de um preto retinto como um tição, bonachão e alegre. Lá no Córrego do Boi, o Vicente Terêncio, com filhos residindo até hoje em Palmeira d'Oeste. Na Água Ruim, o Canuto, antigo possessor de Luciano de Mello Nogueira. Na Laranjeira abaixo, o Laurentino. O Artur Geraldo, o Jovino, este, meu agregado de 1942 a 1946.



*Em 9 de setembro de 1.939 Tomaz Vicente Vicente volta à Fazenda Palmital. Da esquerda para a direita: Welson de Lima Moreira, Edílio Ridolfo, Tomaz Vicente Vicente, familiares do “Manezinho Baiano” vendo o seu filho “Chiquinho Carreiro” e Jocelyn de Lima Moreira.*

## **TEM INICIO A ABERTURA DE 550 ALQUEIES**

**Na verdade, quem tem mesmo peito de enfrentar a mata bruta e selvagem, coragem e destemor é somente o brasileiro.**

O estrangeiro, qualquer que seja ele “só mete a cara no sertão” quando a “massa já está no forno, prontinha para assar o pão”.

Tomaz Vicente Vicente, não fugiu a regra. Como bom espanhol, prudente e precavido, procurando ver como estava para ver como ficava, encorajou-se e resolveu iniciar a abertura da gleba adquirida.

Sua primeira providência foi empreitar ao Sr. Altino Antonio de Oliveira, a derrubada de 30 alqueires para o plantio de café.

Já havíamos iniciado um loteamento de 2.000 alqueires, onde hoje se encontra Marinópolis, naquele tempo VILA MOREIRA.

Várias pessoas foram afluindo para esta região, muitas delas foram se fixando "numa estradinha", onde hoje é a Rua General Candido Rondon (*nome alterado para Avenida Antônio F. Garcia*), da esquina da Rua Brasil em direção á sede da Fazenda Palmital. O Motivo dessa localização era natural: ali era o ponto de irradiação para o recém-criado patrimônio de Jales, para os córregos do Sucuri e Macumã, para quem demandava a então Vila Moreira, e para quem se dirigia a Pereira Barreto, passando pelo córrego do Jaú.

Não existia ainda a estrada em reta para Jales, que foi traçada pelo agrimensor Orestes Ferreira de Toledo e construída a duras penas, a machado, picareta e enxadão, no ano de 1945.

Em 1943, o Sr. João Siqueira, estabeleceu-se com um boteco e pensão na esquina da Rua Brasil com a Rua Marechal Cândido Rondon.



*Pela primeira vez chega uma "jardineira", em 1943, na sede da Fazenda Palmital. Veio de Jales para um piquenique. Sentados: Welson, Lurdes e Walter de Lima Moreira, filhos do Joaquim de Lima Moreira*

## **ORESTES FERREIRA DE TOLEDO**

Este verdadeiramente foi o cérebro inspirador e executor da fundação do patrimônio.

Em 1943, Orestes, que residia em nossa companhia na sede da Fazenda Palmital, mostrou-nos a importância de se fundar um patrimônio, e afirmando que o

melhor local seria na gleba de Tomaz Vicente Vicente, pelas condições geográficas, e melhor topografia do terreno.

Fomos á procura do Tomaz e coincidentemente encontramos-lo juntamente com seu filho José Vicente Vicente á porta do rancho do Evaristo Silva.

Expostos os planos pelo Orestes, o Tomaz Vicente Vicente logo concordou, mas oferecendo tão somente 10 alqueires em doação ao patrimônio, mas José Vicente logo retrucou: - não meu pai, vamos doar no mínimo 20 alqueires, e virando-se para o Orestes: - como vai chamar-se o patrimônio?

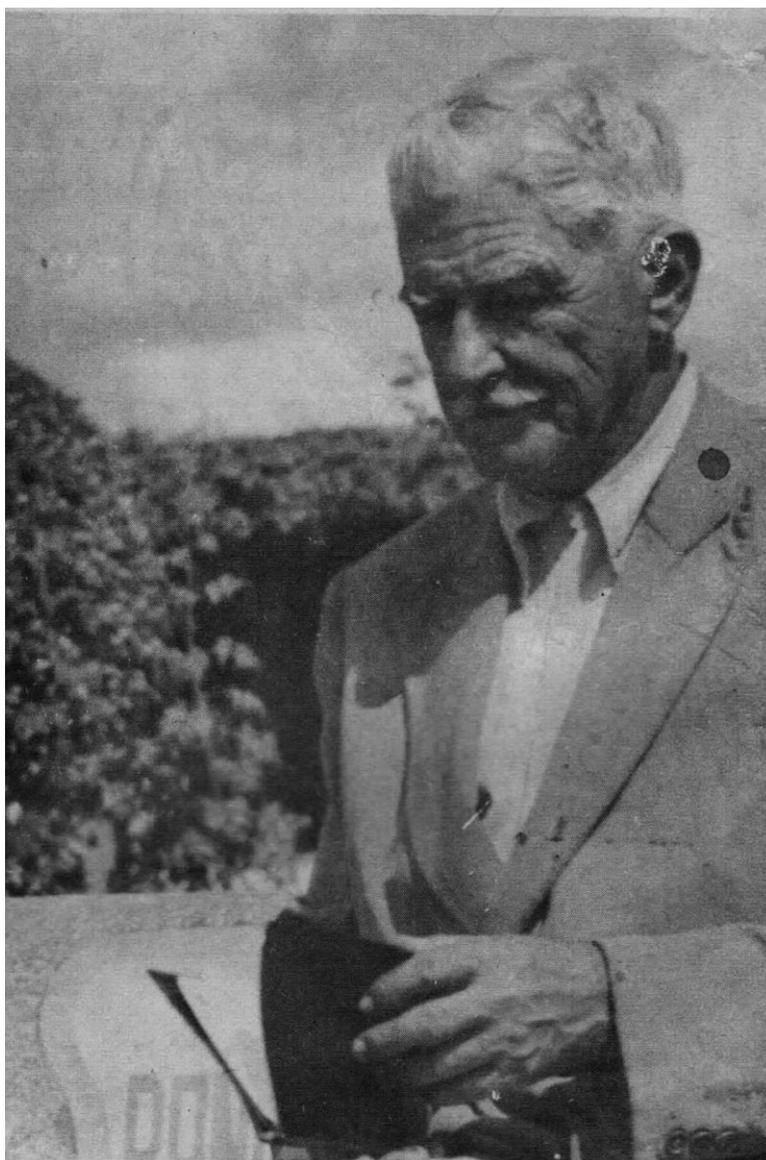
O enérgico e eficiente agrimensor, dotado de veia poética, com o braço apoiado no pescoço de sua mula, Borboleta, deu sua característica “pigarreada”, e olhando ao seu redor, onde se erguiam dezenas de palmeiras, exclamou: - VAI CHAMAR-SE PALMEIRA D’OESTE.

Zé Vicente, esfuziante e desabusado, tirou o revólver da cinta e gritou: - Viva o patrimônio de Palmeira d’Oeste, descarregando toda carga de seu revólver, no que foi acompanhado pelo Evaristo Silva, que também sapecou tiros ao ar, entusiasmados pela alvissareira noticia.

Imediatamente, em sua banquetta, o Orestes deu inicio a demarcação do patrimônio, o que lhe seria fácil, pois como agrimensor que fora, na divisão da gleba Tomaz, possuía todos os dados técnicos, e em princípios de dezembro o Orestes mostra o rascunho do mapa do futuro patrimônio, com ruas e praças, quadras e quarteirões, delineados e demarcados.

Ao ver o mapa o Zé Vicente ficou exultante, e intempestivo como era disse ao Orestes: - já posso marcar o dia para a fundação do patrimônio? Respondeu-lhe o Orestes: - desde que não seja nas vésperas do natal, escolha o dia que bem entender.

ENTÃO ESTÁ ESCOLHIDO. VAI SER NO DIA 13 DE DEZEMBRO, que é dia da Santa de minha devoção: - SANTA LUZIA.



*ORESTES FERREIRA DE TOLEDO*

*O agrimensor que demarcou toda a gleba Palmital. Ele deu o nome à cidade de “PALMEIRA D’OESTE”, os nomes das suas ruas, e foi quem demarcou e delimitou suas ruas e suas praças. É o patrono de um estabelecimento de ensino.*

## **CORRE A NOTÍCIA**

O sertão tem olhos, e o farfalhar das folhas de árvores seculares, emitem avisos, e como andorinhas em busca de novos pênates, um a um, foram chegando novas pessoas, novas famílias. É o carapina Donato Botta, é o Francisco Bizeli, que instalou a primeira máquina de beneficio de arroz, em cujo caminhão que transportou sua mudança, trouxe também, a “tráia” do José Rovéri. É o Antonio Carapina, o Artur Geraldo, enfim, tantos outros, atraídos pelo “farfalhar das folhas de árvores seculares”, avisando-os da abertura de um novo patrimônio. **E nessa “estradinha” hoje rua “Cândido Rondon” foram todos se fixando.**

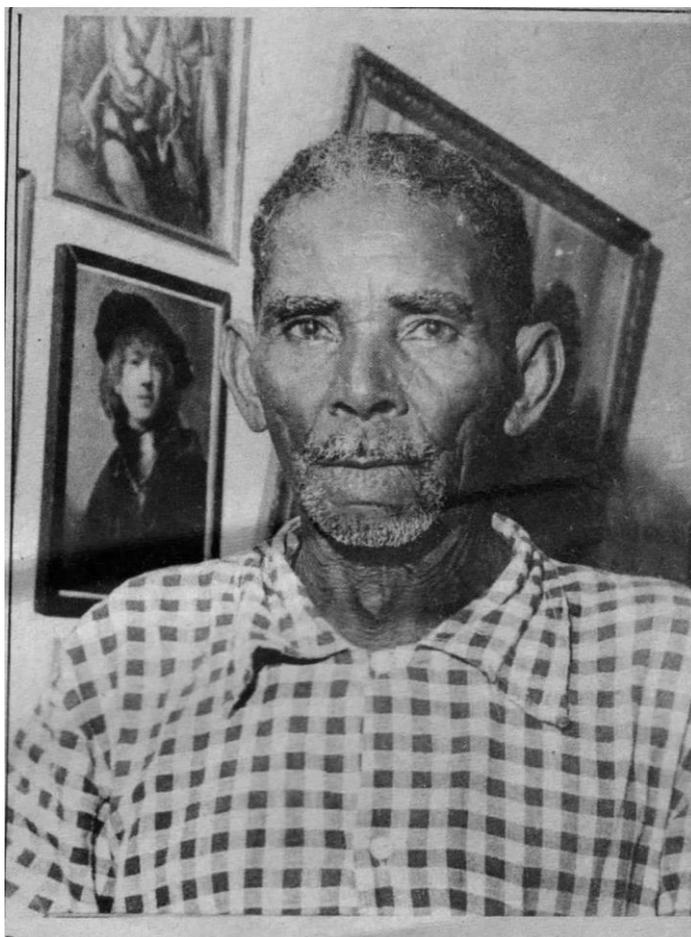
## DIA 13 DE DEZEMBRO DE 1944

Eram 6 horas da tarde, hora do Ângelus, quando nas fimbrias do horizonte esvaiam-se as últimas pinceladas de um azul-rosa do crepúsculo que se deitava medrosamente nas sombras da noite. Braços hercúleos de rijos sertanejos ergueram o “cruzeiro”. E naquela região semi-deserta, já se podia ver quais dedos apontados ao infinito, o símbolo significativo e enaltecido por CRISTO.

Cruzeiro feito pelas mãos hábeis de Donato Botta, e entre tantos que o ajudaram a levantá-lo lembramos bem, do Ângelo Galeti, do André Ressudi, do Zacarias, do João Siqueira, do Chico Bizéli, do Zé Rovéri, e quantos outros. Entusiasmadíssimos o Zé Vicente e seu irmão Orlando, sob o olhar feliz do seu pai, Tomaz Vicente Vicente.

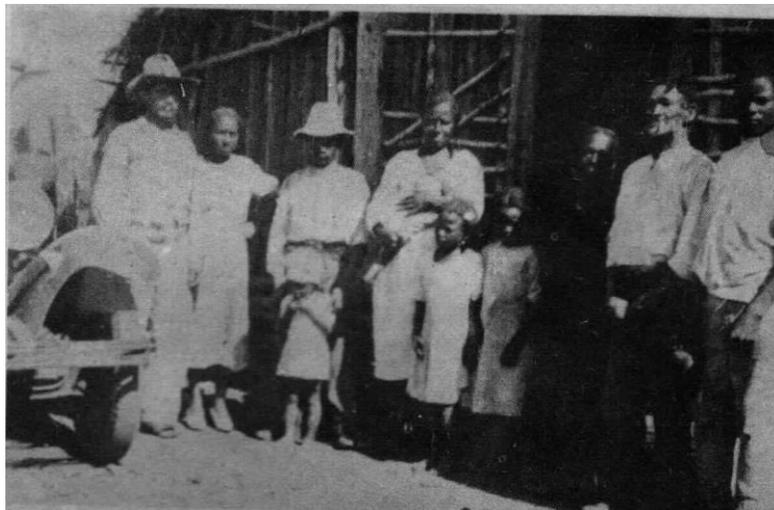
Neste momento parecia estar presente o Espírito da Pátria, agradecendo aquele simples, humildes, mas gigantes sertanejos, que lhe oferecia mais uma célula ao seu desenvolvimento.

Teve início a reza do terço, que foi “puxado” por Dona **MARIA TIBURTINA DE JESUS**, mãe do “**CHIQUINHO CARREIRO**” a única testemunha desse evento ainda existente em Palmeira d’Oeste. Que vejam em sua humilde pessoa, a página de uma história.



*FRANCISCO ALMEIDA (“CHIQUINHO CARREIRO”)*

Ao termino da cerimônia religiosa ouviu-se o espocar de dezenas de rojões, acompanhado de intensa descarga de revólveres, espingardas e “Winchester 44”, numa espontânea, alegre e sincera demonstração de júbilo, pela fundação do Patrimônio de Palmeira d’Oeste, naquele dia 13 de dezembro de 1944, em que a igreja comemora a data litúrgica de **SANTA LUZIA**.



*A família do “Manezinho Baiano” na sede da Fazenda Palmital  
Manoel Victor (genro) e sua esposa, “Chiquinho Carreiro” e esposa, Maria  
Tiburtina de Jesus e seu esposo “Manezinho Baiano”, Euclides (filho).*

No caminhão em que veio Chico Bizéli, veio também “a traia“ de JOSÉ ROVÉRI, que se constituía em alguns caixões. Foi o primeiro a instalar uma farmácia em Palmeira d’Oeste, portava todo o seu capital: amostras de medicamentos, que havia trazido de Pirangi.

Jóse Rovéri instalou sua FARMÁCIA SANTA ADÉLIA, em modesta casa de tabuas, na atual Rua General Candido Rondon, quase na esquina com a Rua Brasil. Era o farmacêutico, e também era o médico. Atendia a todos com carinho e solicitude. Auscultava corações e media pressões. Os sertanejos encontravam no farmacêutico solícito o refrigério para seus males corporais. José Rovéri lutou com perseverança e desesperada obstinação, em busca dos alicerces em que haveria de construir seu futuro. Encontrou-os, não por acaso, mas porque soube lutar, porque foi perseverante.

O Sertão age em quem o desvirgina (principalmente naqueles tempos) como “lixa grossa” raspando suas economias, o que me levou a “grudar” novamente no boticão, instalando meu gabinete dentário na casa do José Rovéri. Dele tornei-me amigo sincero, e quantas vezes, juntos, á luz de um lampião, confidenciamos nossas venturas e... Desventuras. Eram momentos em que encontravam-nos lenitivos aos nossos espíritos.

Mas José Rovéri vai lutando obstinadamente, vai saltando sobre os “mataburros” que se lhe antepunham, e transfere a sua farmácia para a Rua Brasil. Já havia adquirido em Rondonópolis, mil alqueires de terras, por Oito Mil cruzeiros, pagos, a prestações. Com a mesma obstinação e perseverança consegue transformar a gleba

inculta em modelar fazenda. Fruto de seu trabalho e de sua perseverança. A mesma persistência com que esse cidadão empenhou-se na luta pela criação do distrito e município de Palmeira d'Oeste.

## 1946

Nesse ano, mais e mais famílias aportaram em Palmeira d'Oeste .

Entre elas, a do JOÃO ANTONIO RIBEIRO, vindo de Jardinópolis, passando inicialmente a residir e trabalhar com meu cunhado, Joaquim Moreira Filho, na sede da Fazenda Palmital, transferindo-se posteriormente a Palmeira d'Oeste, onde até hoje reside como prestante cidadão. Juntamente com o conhecido "picadeiro" Cassiano, foi elemento de primordial importância, junto a Orestes Ferreira de Toledo, na demarcação topográfica do então patrimônio.

Chega também, com sua família, uma figura singular: LEOVEGILDO CARDOSO, o popular "LIÓ", vindo de Palestina. Sempre com um lenço vermelho ao pescoço, era pau para toda obra, tornando-se abnegado mensageiro postal, e suas andanças a Jales, no desempenho de suas funções eram constantes e cheias de sacrifícios. Empenhou-se de corpo e alma na luta para a criação do Distrito, tendo instalado a agência do Correio, e hoje sua filha ARGENTINA CARDOSO BORGES é a titular.

## JOSÉ VICENTE VICENTE

Justamente tido e havido como um dos fundadores da Palmeira d'Oeste.

Sem sua afetiva colaboração, talvez não se pudesse levar adiante os trabalhos para a demarcação do patrimônio. Zé Vicente, entusiasmado, conseguiu que seu genitor aumentasse para 20 alqueires a área para o patrimônio. Todas as despesas, enfim, tudo que fosse necessário, para a demarcação do patrimônio correu por conta do Zé Vicente e assim pode ORESTES FERREIRA DE TOLEDO, entregar ao Zé Vicente em 1946, o mapa devidamente elaborado, com as denominações das ruas, onde se notava o espírito nacionalista do Orestes. Palmeira d'Oeste, ostenta em suas ruas nomes de notáveis figuras da nossa história.

JOSÉ VICENTE VICENTE era dotado de franqueza rude, zombeteiro e desabusado. Acusam-no de alguns defeitos. Mas perguntamos: - quem não os tem? Acaso esquecem-se que a "imperfeição é inerente aos homens"?

Há que se ter sempre em mente aquela passagem do Evangelho. No apedrejamento da mulher adúltera, quando CRISTO verberando os apedrejadores dissera-lhes: - "quem não tiver pecado que atire a primeira pedra". Cabisbaixos retiraram-se os apedrejadores, pensando em seus próprios pecados.

Impulsivo, e como se diz na gíria: "de boca destramelada" que provocava constantes atritos.

Mas lembro-me bem de uma sua característica sentimental, Tinha ele 4 filhas e desejava ardentemente um "filho homem", e no dia em que nasceu o filho desejado: saiu com vários amigos, todos dando tiros para o ar, e gritando: Viva o Tomazinho,

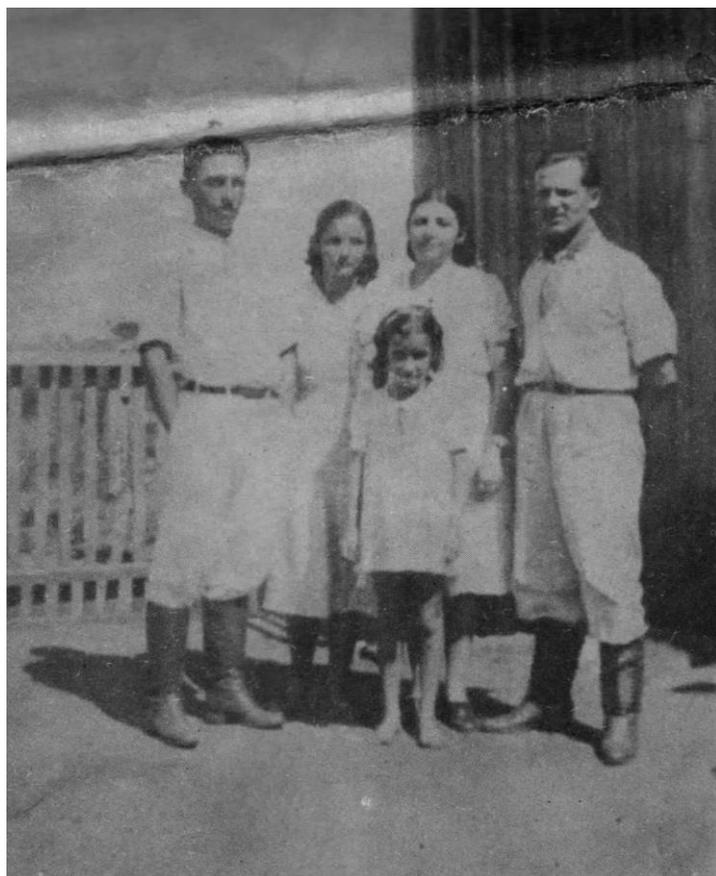
viva o Tomazinho, na mais feliz manifestação de júbilo pelo nascimento do Tomazinho.

Palmeira d'Oeste prestando-lhe justa homenagem denominou sua principal Praça de "PRAÇA JOSÉ VICENTE VICENTE".

Faleceu tragicamente no dia 25 de julho de 1957.



**JOSÉ VICENTE VICENTE**  
*Fundador da Cidade de Palmeira d'Oeste*



*Jocelyn de Lima Moreira e sua esposa. Dona Edith de Lima Moreira e esposo Edílio Ridolfo. 1942*

...Que estas crônicas transformem-se numa lembrança da alma brasileira daqueles que se propuseram ao desbravamento e conquista da imensa floresta virgem.

Os velhos hão de reviver a epopéia de seus feitos.

Muitos aqui não mais residem, outros, e quantos deles, já atravessaram as densas cortinas da eternidade.

Os jovens hão de encontrar no caminho os ossos daqueles que deram ao Brasil esta cidade.

Como marcos esquisitos de sua posse encontrarão esqueletos quais balizas a marcar-lhes o rumo da grande estrada de nossa terra em busca do seu destino.

## **ABRE-SE O CAMINHO PARA JALES**

Até 1942 o caminho daqueles que, vindos das bandas de Rio Preto á Fazenda Palmital era o seguinte: Monte Aprazível, Poloni, Ida Iolanda, Floresta (hoje Floreal), Nhandearea, Magda, General Salgado e Vila Pacheco (hoje Auriflama). Daí, seguia-se rumo ao Rio São José dos Dourados, onde se encontrava uma precária ponte de madeira.

Ali morava um sertanejo, vindo de Olímpia conhecido por “Tiburcio” ou “Tiburção“, que legou seu nome a perigosa ponte, hoje não mais existente.



*Ponte do Tiburção”  
Em 1939, no Rio São José dos Dourados*

Após a fundação de Jales, o engenheiro Dr. Euphy Jalles solicitava-nos, principalmente a Joaquim Moreira Filho, do qual era amigo desde os bancos escolares de Barretos, o “avivamento” da picada existente da fazenda “Palmital á estrada Boiadeira, até onde residia José Nunes de Brito, mais conhecido por “Zé Cearense””.

O empreiteiro desse “avivamento” foi Altino Antonio de Oliveira. Em 1943 a comunicação da Fazenda Palmital e conseqüentemente Palmeira d’Oeste passou a ser feita até a estrada boiadeira passando pelas baixadas dos Córregos Jaguarí, Jaguará, Itapirema e Córrego dos Cabritos onde residia um tal de Pedro Balduino.

Da Boiadeira até Jales, seguia-se pela “estradinha“ já existente.

A distância era naquela época de 45 quilômetros.

Em 1945, Orestes Ferreira de Toledo, traça o rumo de uma estrada reta á Jales, passando pelo espigão, Essa estrada construída com enormes sacrifícios, atingiu até onde se encontra hoje a ponte no Córrego do Coqueiro, diminuindo em 15 quilômetros a distância a Jales.